

RICARDO SEVERO E O DESENVOLVIMENTO DA ARQUEOLOGIA NO PORTO

Fernando Augusto Rodrigues Coimbra *

INTRODUÇÃO

Para podermos compreender a importância de Ricardo Severo na História da Arqueologia Portuense, temos que analisar esta última anteriormente à «entrada em cena» do citado arqueólogo, e, também, observar o que se passava no campo da Arqueologia no resto do país.

A Arqueologia Portuguesa, como ciência mais ou menos organizada, só teve início com a remodelação dos Serviços Geológicos em 1857.

Mas, não podemos esquecer alguns precursores importantes como André de Resende ⁽¹⁾ e Fr. Manuel do Cenáculo, este já nos fins do século XVIII.

Frei Manuel, do mesmo modo que André de Resende, estudou antiguidades (principalmente inscrições), e descreveu monumentos. Mas a grande novidade dos seus trabalhos é o interesse em explorar e escavar zonas com vestígios arqueológicos. Neste aspecto foi um pioneiro ⁽²⁾.

Em 1850, a Sociedade Arqueológica Lusitana, de Setúbal, tem por objectivo efectuar escavações em Troia. Todavia os trabalhos foram bruscamente interrompidos por falta de apoios do Estado.

De qualquer modo, pelas ideias que seguia e pelas escavações feitas, esta sociedade merece uma referência especial na História da Arqueologia Portuguesa.

A partir da 2.^a metade do século XIX, as sociedades arqueológicas multiplicam-se no nosso país:

Em Lisboa, os Serviços Geológicos (remodelados em 1857 e com vários trabalhos no domínio da Arqueologia), tinham nos seus quadros cientistas como Carlos Ribeiro, Nery Delgado e Pereira da Costa.

Em 1863 é criada, também em Lisboa, a Associação dos Arquitectos Cívicos e dos Arqueólogos Portugueses, que organiza um Museu.

O Instituto de Coimbra, que efectua escavações nas ruínas de Conimbriga, é fundado em 1873, ano em que começam os trabalhos de Martins Sarmiento, fundamentais para o conhecimento da Cultura Castreja ⁽³⁾.

Entre 20 e 29 de Setembro de 1880, realizou-se, em Lisboa a IX Sessão do Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-Históricas.

Este acontecimento revelou o dinamismo da investigação arqueológica portuguesa da época, e, o grande interesse internacional pelo «Congresso de Lisboa» ⁽⁴⁾.

José Leite de Vasconcelos funda, em 1893, o Museu Etnográfico, que quatro anos mais tarde se passa a chamar — Museu Etnológico Português ⁽⁵⁾.

A este estudioso se deve também, a partir de 1895, uma publicação periódica de grande

* Arqueólogo. Membro do GEN (Grupo de Estudos Históricos do Vale do Neiva).

⁽¹⁾ Este humanista publicou, em 1593, uma obra intitulada *De Antiquitatibus Lusitaniae*, onde vêm transcritas várias inscrições romanas. É um trabalho fundamental para o estudo da Epigrafia Latina no nosso país.

⁽²⁾ Ver Arqueologia Portuguesa in *Dicionário de História de Portugal*, Dir. de Joel Serrão, Porto 1981.

⁽³⁾ Este arqueólogo funda, em 1884, a Sociedade Martins Sarmiento, que começa a publicar a *Revista de Guimarães*, órgão cultural altamente apreciado nos meios científicos.

⁽⁴⁾ Sobre este assunto, ver Victor dos Santos Gonçalves, *IX Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-Históricas (Lisboa, 1880)*, Lisboa 1980.

⁽⁵⁾ Actual Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, situado no Mosteiro dos Jerónimos, e que é «o maior e melhor museu de arqueologia de Portugal».

interesse no domínio da Arqueologia — «O Arqueólogo Português».

Escreveu ainda, entre outras, a obra fundamental denominada «As Religiões da Lusitânia» (3 volumes de 1897 a 1913).

São ainda de referir, na História da nossa arqueologia, nomes como Estácio da Veiga, Santos Rocha e Virgílio Correia ⁽⁶⁾.

Na História da Arqueologia Portuense, podemos considerar uma fase precursora, iniciada no século XVII com as obras de Dom Rodrigo da Cunha, Bispo do Porto, entre 1619 e 1627 ⁽⁷⁾.

Surgem-nos, depois, a Anacrisis Historial de Manuel Pereira de Novais ⁽⁸⁾, «Descrição Topográfica e Histórica da Cidade do Porto», do Padre Agostinho Rebelo da Costa (1788), e «Dissertações Cronológicas e Críticas»... do Doutor João Pedro Ribeiro (5 volumes de 1810 a 1836).

Em 1885, já depois da Arqueologia Portuguesa se ter tornado em actividade científica organizada, Leite de Vasconcelos publica o seu primeiro trabalho arqueológico — «Portugal pré-histórico». Era então aluno da Escola Médica do Porto. Dois anos mais tarde fixar-se-ia em Lisboa, cidade onde se dedicou à ciência num período de 58 anos.

Em 1887 surge a primeira instituição portuense interessada em Arqueologia — a Sociedade Carlos Ribeiro — fundada por Ricardo Severo, Rocha Peixoto, Fonseca Cardoso, João Barreira e Xavier Pinheiro.

Anteriormente, tínhamos apenas o esforço individual e isolado de alguns estudiosos. Com esta Sociedade, passamos a estar perante o trabalho de equipa, tão útil no domínio da Arqueologia. É com ela que o Porto começa a ganhar projecção no campo desta ciência, quer em Portugal, quer no estrangeiro.

1 — RICARDO SEVERO E A SOCIEDADE CARLOS RIBEIRO

Nascido em Lisboa a 3 de Fevereiro de 1869, Ricardo Severo frequentou a Academia Politécnica do Porto, onde completou o curso de engenheiro de Obras Públicas e de Minas.

Ainda muito jovem, começa a interessar-se pela «investigação das raízes étnicas do povo português» ⁽⁹⁾.

Com 17 anos publicou (de colaboração com Fonseca Cardoso), um artigo intitulado «Notícia arqueológica sobre o Monte da Cividade», acerca das ruínas da Cividade de Bagunte, perto de Vila do Conde, onde a sua família possuía uma quinta ⁽¹⁰⁾.

Dois anos mais tarde, publicou um estudo de 113 páginas sobre o livro «Les âges préhistoriques d'Espagne et du Portugal» de Émile Cartailhac, um dos mais notáveis arqueólogos da época.

Em 1889, começa-se a publicar o órgão cultural da Sociedade Carlos Ribeiro — a «Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes» — que tinha como directores Ricardo Severo, Rocha Peixoto e Wenceslau de Lima.

Nesta revista colaboraram nomes como Leite de Vasconcelos, Martins Sarmiento, Alberto Sampaio, Adolfo Coelho, Theophilo Braga, Júlio de Matos, Basílio Teles e muitos outros, nacionais e estrangeiros, para além, como é óbvio, dos fundadores da Sociedade (excepto Xavier Pinheiro).

Era uma publicação que mantinha permuta com outras congéneres, em Portugal e no estrangeiro ⁽¹¹⁾.

No nosso país, várias revistas estabeleciam correspondência com a «Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes».

⁽⁶⁾ Neste trabalho não nos referimos a arqueólogos posteriores a 1910.

⁽⁷⁾ Principalmente o *Catálogo e História dos Bispos do Porto*, Porto 1623.

⁽⁸⁾ Manuscritos de fins do século XVII, impressos apenas em 1912.

⁽⁹⁾ Mário Cardoso, Cartas de Ricardo Severo para Martins Sarmiento, *RG LXX* 1960.

⁽¹⁰⁾ Este trabalho encontra-se na *RG III* 1886, e está aditado de algumas observações de Martins Sarmiento.

⁽¹¹⁾ A Sociedade Carlos Ribeiro manteve correspondência e permuta com institutos e publicações dos seguintes países: Alemanha, Áustria, Bélgica, França, Espanha, Inglaterra, Itália, Portugal, Rússia e Suíça (na Europa); Argélia e Egipto (em África); Estados Unidos da América, México, Costa Rica, Brasil, Chile e Argentina (nas Américas); Novas Gálias do Sul (na Oceânia).

Citamos algumas a título de exemplo:

O Archeologo Portuguez, Revista de Guimarães, Comunicações da Comissão dos trabalhos geológicos, Revista archeologica, Boletim da Real Associação dos architectos e dos archeologos portuguezes entre outras ⁽¹²⁾.

Ao analisarmos o contributo de Ricardo Severo para o desenvolvimento da Arqueologia no Porto, temos também que observar o historial da Sociedade Carlos Ribeiro, da qual foi ele um dos fundadores.

Esta instituição, que vê os seus Estatutos serem aprovados em 2 de Agosto de 1888, é recebida com grande entusiasmo no nosso meio científico.

Rocha Peixoto, num artigo sobre a Sociedade, refere:

«Alongar-se-hia de mais, e nem talvez nos permitisse o seu carácter particular, a publicação dos extractos de cartas que nos foram dirigidas pelos snrs. Adolpho Coelho, Barbosa du Bocage (...), Martins Sarmiento, Paul Choffat, Paulino de Oliveira, Santos Rocha, Theophilo Braga, etc. A demonstração mais eloquente de sympathia pela nossa modesta instituição está na gloriosa lista de colaboradores que a sociedade reuniu para a sua Revista» ⁽¹³⁾.

Em 1889, dois anos após a fundação da Sociedade Carlos Ribeiro, a sua biblioteca já possuía perto de 400 volumes.

Pensava-se também na organização de um Museu, para a qual se contava com a experiência do arqueólogo Santos Rocha e de Paulino de Oliveira, director do Museu da Universidade. Infelizmente este projecto não se concretizou, certamente devido à falta de recursos com que a Sociedade se debatia.

Os objectivos desta distribuíam-se por três ordens de trabalhos:

1.º — Publicação de estudos no domínio de ciências como a Arqueologia, Antropologia, Etnologia, Geologia, Botânica e Zoologia.

2.º — Investigação no âmbito da Tecnologia, indicando a utilização dos nossos produtos naturais.

3.º — Organização (através de propaganda) de estabelecimentos científicos instituídos e subsidiados pelo Estado, tais como Museu Central, Comissão permanente para conservação e estudo das antiguidades pré-históricas e históricas, Museus regionais, distritais ou provinciais, laboratórios de Antropologia, etc.

Eram, sem dúvida, projectos de extremo interesse e importância que os cinco jovens fundadores da Sociedade Carlos Ribeiro se propunham executar.

Ricardo Severo, sendo um dos mais dinâmicos daqueles cinco, foi ainda um pioneiro da Arqueologia Portuguesa Ultramarina. Um dos seus melhores trabalhos publicados na revista da Sociedade, refere-se precisamente a esse tema, e, intitula-se «Primeiros Vestígios da epocha neolithica na provincia de Angola».

2 — RICARDO SEVERO E A «PORTUGALIA»

A «Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes» deixa de ser publicada em 1898, mas antes já se projectava a sua sucessora — A «Portugalia» — que viria a ter uma importância muito maior.

Era seu director Ricardo Severo, sendo Rocha Peixoto, o redactor em chefe e Fonseca Cardoso o secretário, todos antigos fundadores da então extinta Sociedade Carlos Ribeiro.

Esta nova publicação não tinha periodicidade obrigatória nem limite de volume. Destinava-se a formar «um Archivo Nacional de materiaes para o estudo do povo portuguez», palavras de Ricardo Severo, transcritas da apresentação / prefácio do primeiro volume da revista.

Nela colaboraram, com estudos de carácter arqueológico, nomes como Martins Sarmiento, Santos Rocha, Ricardo Severo, Vieira da

⁽¹²⁾ Entre estas «outras» refira-se o *Boletim do Atheneu Commercial do Porto*, que julgo já não se publicar há bastante tempo.

Entretanto, soubemos que a citada instituição pensa publicar uma revista de índole cultural, a partir do dia 6 de Julho de 1991, por ocasião do 1.º Centenário daquele Boletim.

⁽¹³⁾ Rocha Peixoto, A Sociedade Carlos Ribeiro, *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes* I 1889, 189-192.

Natividade, José Fortes, Fonseca Cardoso, Rocha Peixoto, Alberto Sampaio, Padre José Brenha e muitos outros.

Esta revista, que estava na mesma linha de pensamento e acção seguida pela Sociedade Carlos Ribeiro, constituiu «um marco na história da cultura portuense e portuguesa» (14).

Publicaram-se dois espessos volumes, entre 1899 e 1908, com uma excelente apresentação gráfica.

Um aspecto muito positivo da *Portugalia* é o desenho de materiais arqueológicos, tais como pontas de seta líticas (bastante difíceis de desenhar), objectos de metal, de vidro, cerâmica, etc.

De modo geral, o desenho arqueológico publicado nesta revista cumpre o seu objectivo — dar ao leitor a noção tridimensional das peças representadas.

Os trabalhos de Ricardo Severo publicados na «*Portugália*» repartem-se por diversos períodos cronológicos, e, geralmente, apresentam grande erudição.

Entre aqueles, pensamos que devemos destacar a introdução feita ao estudo do Padre Brenha acerca dos dólmenes do concelho de Vila Pouca de Aguiar, assim como o comentário ao espólio dos mesmos (15).

E este destaque é devido à polémica internacional que se gerou sobre a autenticidade de certos objectos (16) encontrados naqueles monumentos megalíticos.

Em França, Salomon Reinach e Émile Cartailhac, especialistas de grande reputação, consideraram que aqueles achados eram mistificações.

Pensamos que tiraram conclusões precipitadas e de modo algum definitivas. O que aconteceu, foi que a apresentação destas descobertas em língua portuguesa, idioma pouco conhecido em França, impediu que o comentário de Ricardo Severo tenha sido completamente lido e compreendido, o mesmo sucedendo a toda a documentação de apoio.

Contudo, em 13 de Novembro de 1903, Severo recebe da Escócia uma carta do «sábio» Andrew Lang, onde são postas em evidência as semelhanças entre os achados de Vila Pouca de Aguiar, e os ocorridos em 1897-98 na bacia do rio Clyde, perto de Dumbarton na Escócia.

Lang informou ainda o nosso arqueólogo das descobertas de John Bruce, feitas na mesma região, e que foram publicadas pela Sociedade dos Antiquários da Escócia (1899-1900).

Estes achados provocaram também uma grande discussão no que diz respeito à sua autenticidade, defendida por uns e combatida por outros.

Em Fevereiro de 1904, Ricardo Severo lê no jornal «*The Athenoeum*», que o Rev. H. J. Dukinfield Astley, secretário editorial da Associação Arqueológica Britânica, tinha apresentado a esta sociedade um trabalho sobre os achados dos dólmenes de Vila Pouca de Aguiar.

Severo comunica imediatamente com aquele investigador, que lhe envia os trabalhos «*Archaeological Discoveries in Portugal*» e «*Portuguese parallels to the Clydeside discoveries*» (17).

Neste último, o autor ocupa-se das descobertas transmontanas de modo minucioso e imparcial; propaga a importância de todos estes achados arqueológicos, a sua autenticidade e valor científico.

Da mesma opinião era o Dr. José Leite de Vasconcelos, como refere em «*Religiões da Lusitânia*», Vol. I, pág. 342:

«Estes objectos são importantíssimos, já por constituírem uma das poucas representações zoomórficas da nossa arte neolítica, já pela sua significação religiosa, pois, quanto a mim, representam ídolos ou feitiços, depositados junto dos mortos para os protegerem».

Ricardo Severo pretendia efectuar, com especialistas, uma exploração arqueológica nos planaltos transmontanos, para procurar elementos rigorosamente controlados sobre estes achados.

(14) Domingos de Pinho Brandão, *A Citânia de Sanfins na História da Arqueologia Portuense*, Paços de Ferreira 1985.

(15) Publicados no 1.º volume da *Portugalia*, 687-690 e 707-750, respectivamente.

(16) Pedras esculpidas e/ou insculturadas, com representações zoomórficas e/ou antropomórficas. Nalguns destes objectos, aparecem também caracteres alfabéticos.

(17) Ricardo Severo, Les dolmens de Villa-Pouca-d'Aguiar — Traz-os-Montes (Questions d'authenticité), *Portugalia* 11, 113-117.

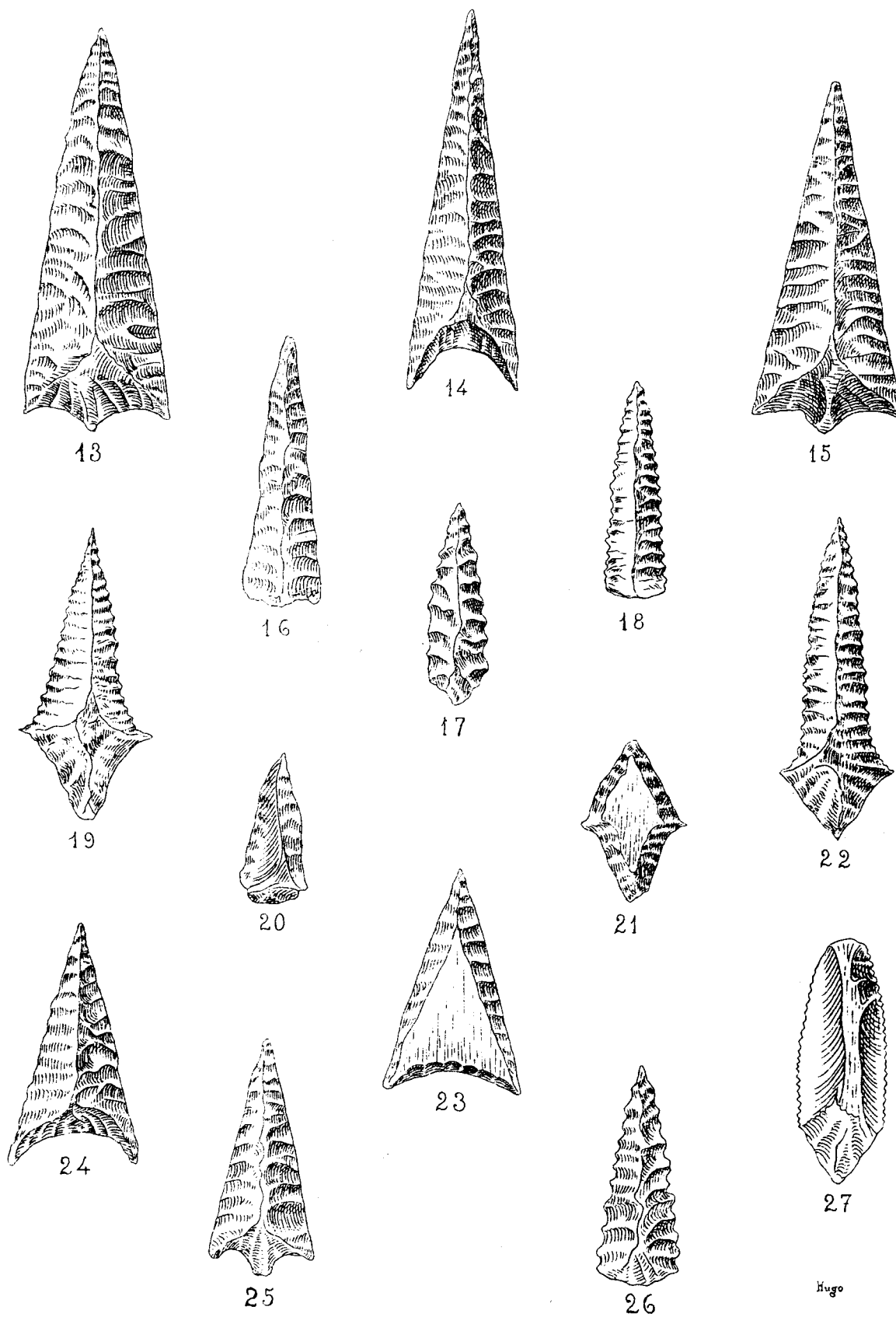


Fig. 1 — Pontas de seta líticas.

(Reprodução de *Portugalia* 1 - 3).

Contudo, foi impedido por uma doença prolongada, seguida de uma longa ausência.

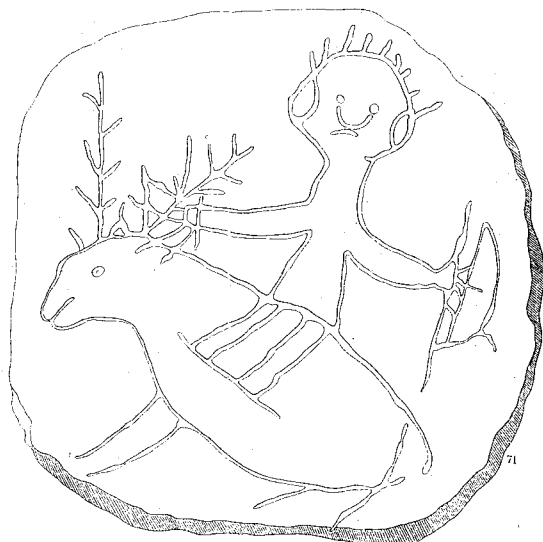


Fig. 2 — Inscultura antropomórfica e zoomórfica proveniente do concelho de Vila Pouca de Aguiar

(Reprodução de *Portugalia*, Tomo I - 4)

De qualquer maneira, sobre a questão da autenticidade destes objectos, Severo refere que «o problema de Vila Pouca de Aguiar deve ser estudado com um critério especial, dentro dos limites da paleoetnografia e da cronologia pré-histórica próprias da Península; fora deste procedimento, as opiniões me parecem mais suspeitas que os objectos encontrados pelos abades Brenha e Rodrigues» (18).

A «Portugalia» foi muito apreciada, quer entre nós, quer no estrangeiro. Cientistas como E. Cartailhac e S. Reinach consideraram-na uma revista «digna dos mais categorizados centros de cultura» (19).

Mas, infelizmente, a sua publicação termina em 1908, devido à falta de verba para enfrentar as despesas que a sua excelente apresentação exigia.

Num país com 80% de analfabetos e indiferente às iniciativas culturais, outro destino não se poderia esperar.

No mesmo ano em que desaparece a «Portugalia», Ricardo Severo emigra para S. Paulo. Nesta cidade alcançaria grande prestígio como escritor, cientista e engenheiro civil. Alguns dos mais importantes edifícios paulistas foram construídos segundo os seus planos e sob a sua direcção.

Severo permaneceria no Brasil durante longos anos, e lá viria a falecer em 3 de Abril de 1940.

NOTA FINAL

Nos finais da primeira década deste século, a causa da Arqueologia no Porto sofre um duro golpe, devido à partida de Ricardo Severo para o Brasil (1908), e à morte de Rocha Peixoto (1909).

Mas, alguns anos mais tarde, surge com Mendes Correia um novo movimento portuense a favor daquela ciência.

Da extensa obra deste cientista destacamos, apenas, a fundação da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia (20), que se considerou «herdeira, embora modesta», da função intelectual da «Portugalia».

Efectivamente, Ricardo Severo iria oferecer a esta instituição (da qual foi eleito sócio honorário), todo o espólio documental da Sociedade Carlos Ribeiro e da «Portugalia».

Cinco anos antes da sua morte, Severo viria em visita a Portugal, tendo-se por essa altura organizado um almoço em sua honra.

Era uma homenagem da Sociedade de Antropologia, que teve lugar no Restaurante Comercial do Porto, no dia 10 de Dezembro de 1935. Constituiu um dos acontecimentos mais expressivos da existência daquela associação e da vida cultural portuense, tendo sido amplamente noticiado na imprensa diária (21).

Ricardo Severo e os seus companheiros foram autênticos precursores no domínio da Arqueologia no Porto. Abriram caminho às gerações vindouras, e os seus trabalhos constituem um legado intelectual extremamente importante, quer a nível nacional, quer a nível internacional.

Porto, 20 de Janeiro de 1991

(18) Tradução de um excerto do artigo de Ricardo Severo indicado na nota anterior. Este trabalho foi publicado em francês, certamente para esclarecer alguns investigadores pouco familiarizados com a língua portuguesa.

(19) Domingos de Pinho Brandão, *ob. cit.*, 7.

(20) Fundada em 26 de Dezembro de 1918 ainda hoje existe, e tem contado (e conta) com inúmeros sócios.

(21) Cf. TAE VIII 1936.

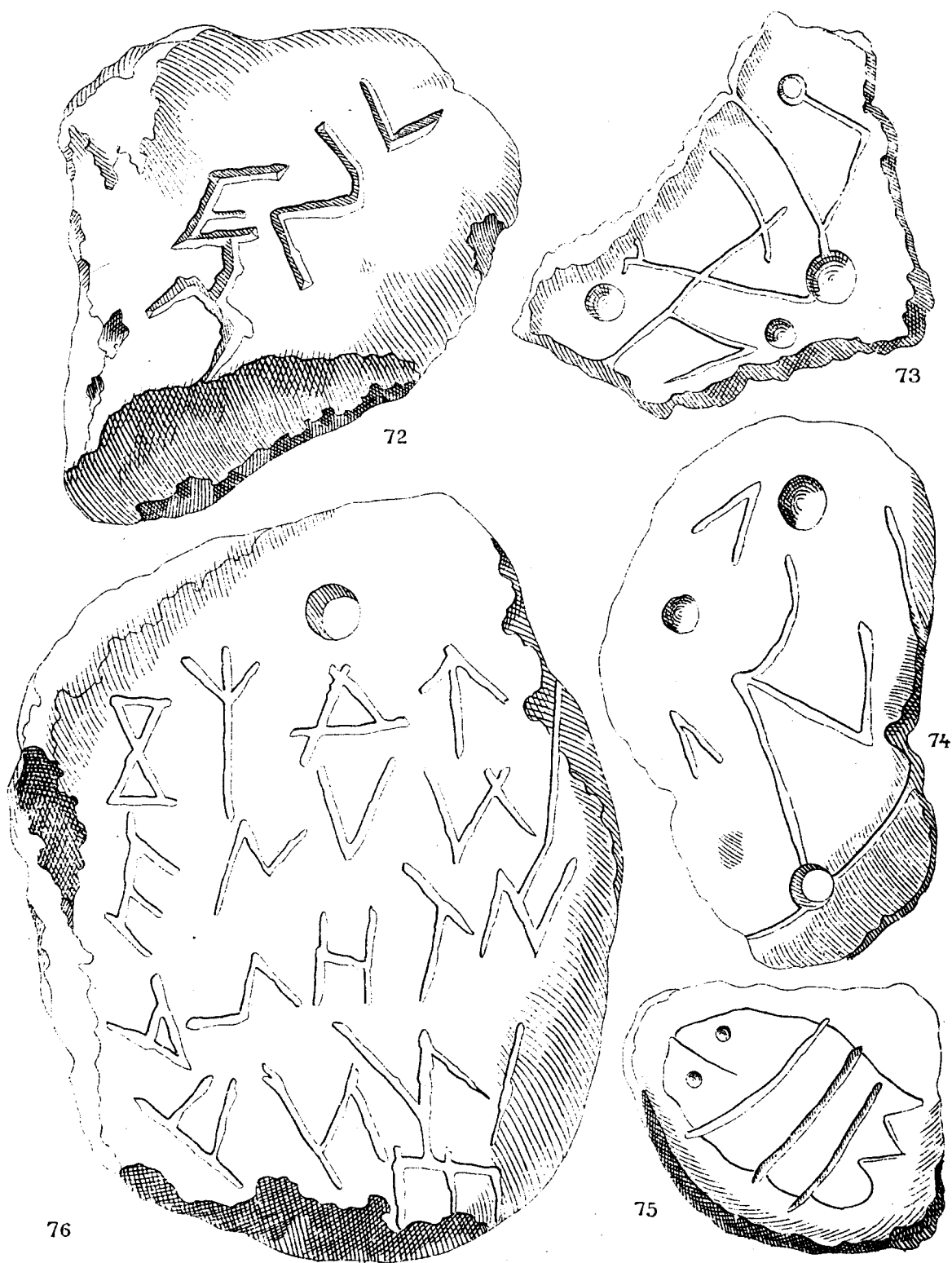


Fig. 3 — Objectos de pedra com caracteres alfabéticos, provenientes do concelho de Vila Pouca de Aguiar.

(Reprodução de *Portugalia* I - 4).

BIBLIOGRAFIA

- Arqueologia Portuguesa, *Dicionário de História de Portugal*, Dir. de Joel Serrão, Porto 1981.
- Brandão, D. de Pinho, *A Citânia de Sanfins na História da Arqueologia Portuense*, Paços de Ferreira 1985.
- Cardozo, Mário, Os fundadores da Sociedade Carlos Ribeiro e Martins Sarmiento, *RG* LV 1945.
- Cartas de Ricardo Severo para Martins Sarmiento, *RG* LXX 1960.
- Gonçalves, Victor dos Santos, *IX Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Pré-Histórias (Lisboa 1880)*, Lisboa 1980.
- Ricardo Severo, (Ver os artigos publicados em *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes*, 5 volumes, Porto 1889-1898 e em *Portugalia*, 2 volumes, Porto 1899-1908).
- Rocha Peixoto, A Sociedade Carlos Ribeiro, *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes* I 1889-1890.
- A Sociedade Carlos Ribeiro — Nótula Histórica, *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes* V 1898.
- TAE* VIII 1936.